

## **A Renovação Carismática e o GOU: uma análise do Grupo de Oração Universitário da Paróquia São João Evangelista em Goiânia**

**FELIPE MATEUS DE ALMEIDA\***

### **Resumo**

O presente artigo traz um estudo sobre os Grupos de Oração Universitários da Renovação Carismática Católica e sua relação com os valores capitalistas. Nosso referencial teórico é o conceito de religião em Karl Marx. O artigo ainda conta com trechos de uma entrevista realizada com a Coordenadora do maior Grupo de Oração Universitário em Goiânia.

**Palavras-chave:** sociologia da religião; Universidades Renovadas; valores capitalistas; axiologia; secularismo.

### **Abstract**

This article presents a study about the University Prayer Groups of Catholic Charismatic Renovation and your relation with the capitalist values. Our theoretical reference is the concept of religion in Karl Marx. The article account with excerpts from an interview performed with the coordinator of the biggest university prayer group in Goiânia.

**Key words:** sociology of religion; Renewed Universities; capitalism values; axiology; secularism.



\* **FELIPE MATEUS DE ALMEIDA** é Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).



# UNIVERSIDADES RENOVADAS

Ministério da Renovação Carismática Católica do Brasil

*"Um Sonho de Amor para o Mundo"*

Fonte: [RCC Anápolis](#)

## Introdução

O campo religioso no Brasil é rico e complexo. Rico porque se tem diversas representações religiosas que podem ser estudadas segundo visões e concepções antropológicas, sociológicas e históricas que refletem sobre o papel do fenômeno religioso na sociedade, como é o caso da religião católica, da religião protestante e das religiões de matriz africana. É complexo porque o estudo do campo religioso no Brasil deve ser feito com cuidado e sempre pensado a partir da ideia de pluralidade, ou seja, através da compreensão de que dentro de uma religião existem várias formas de professá-la e de senti-la.

Com o advento da modernidade e, conseqüentemente, a mudança social e cultural advindas dela, o catolicismo passou por uma série de mudanças em suas relações com os seus fiéis e os demais setores da sociedade. Para Carranza:

Na década de 60, grande marco de transformações no mundo ocidental, o catolicismo articulou-se em torno do Concílio Vaticano II. [...] Dentre as propostas do Vaticano II encontravam-se: enfatizar a renovação litúrgica e bíblica, procurar novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e entre outras religiões, *rever a função do leigo no mundo e*

*na Igreja, o que implicou na reorientação pessoal do fiel para um engajamento nas lutas sociais em nome do Evangelho e na sua participação dentro da estrutura institucional* (CARRANZA, 2000, p. 15, grifos meus).

Um dos movimentos que surgiram no interior da Igreja Católica através dessas mudanças em torno do Concílio Vaticano II é o Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC). Nesse sentido, o presente artigo traz um breve estudo da Renovação Carismática no Brasil e sua relação com os jovens dos Grupos de Oração Universitários, chamando a atenção para a questão da formação da identidade, da busca por segurança através da figura do divino e da concepção de valores e formação pessoal dos jovens que seguem a doutrina do grupo estudado.

Para que isso fosse possível, foi realizada uma entrevista com uma das coordenadoras do Grupo de Oração Universitário de Goiânia, além de observações participantes nas reuniões do Grupo de Oração Universitário (GOU) da Paróquia São João Evangelista em Goiânia, situada ao lado dos *campus* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) e da Universidade Federal de Goiás (UFG).

### **O conceito de religião em Karl Marx**

Nosso conceito de religião está sendo construído através do referencial teórico de Karl Marx. Nesse sentido, é preciso que se traga uma breve análise sobre a teoria e método de compreensão da sociedade e da realidade propostos por esse autor.

Karl Marx nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade, pois ele era um autor com uma abordagem que abarcava várias áreas do conhecimento e, acima de tudo, uma análise crítica que fazia um ataque ferrenho ao modo

de produção capitalista e todas as suas instituições e relações sociais. Nesse sentido, Marx foi o responsável pela criação do materialismo histórico – dialético, um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, a junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade:

(...) na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. (...) o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2003, p. 5).

Partindo desses pressupostos que fazem uma crítica à filosofia idealista, Marx cria o seu método de análise da realidade: o materialismo histórico-dialético. O materialismo histórico-dialético parte de pressupostos reais, criados por homens que vivem em sociedade devido ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. A teoria marxista parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico – dialético é uma teoria que afirma que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, mas o homem é quem determina e constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência. É a partir do materialismo histórico-dialético que Marx faz o seu estudo sobre o capitalismo, levando em consideração as categorias do trabalho,

da alienação, da mercadoria, do fetichismo e da extração da mais-valia (ALMEIDA, 2014).

Em *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (2005), Marx afirma que a crítica religiosa deve ser compreendida como o pressuposto de toda a crítica. A religião deve ser superada para que se acabe com a felicidade ilusória que advém dela. Marx afirma que é o ser humano quem faz a religião, ao invés da religião fazer o ser humano, ou seja, o ser humano não é um ser abstrato, passivo e que vive “de costas” para o mundo. O ser humano é responsável pela criação de sua sociedade e de seu Estado, assim como também é responsável pelas leis, a moral, a ética e os costumes, ou seja, é um ser concreto.

Nesse sentido, Marx vê a religião como um fenômeno que é socialmente construído pelos homens, o que a transforma em um objeto de compreensão da realidade:

A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular (...) Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. (...) A *miséria religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo. (MARX, 2005, p. 145, grifos dele).

Essa passagem do texto de Marx nos faz pensar o fenômeno religioso através da seguinte maneira: a religião é uma manifestação que produz falsas

felicidades<sup>1</sup> e ajuda a legitimar o *status quo* da sociedade, ou seja, Marx percebe a religião como um fenômeno que acaba por auxiliar na reprodução dos valores capitalistas através da criação de ideologias e criaturas inexistentes. O ser humano cria deuses como uma tentativa de explicação para a sua situação de miséria e exploração, acabando, no fim, tornando-se refém de suas próprias fantasias. Nesse sentido, a religião expressa a miséria do ser humano, mas não ultrapassa o limite de expressão e de denúncia dessa condição de miséria.

Através da ideia de religião como compreensão da realidade – seja ela para legitimar, questionar ou transformar essa realidade – Marx abre espaço para a filosofia da *práxis*. Marx faz uma crítica à filosofia de Hegel chamando-a de filosofia especulativa, ou seja, uma filosofia que está apta para a crítica do direito e da política, mas que acaba não saindo desse campo das ideias e das especulações, uma filosofia que está desvinculada das relações sociais presentes na sociedade em que os seres humanos estão inseridos. A teoria e a prática devem andar juntas, pois uma não vive sem a outra. História e filosofia devem contribuir no processo da revolução e da transformação da realidade.

Para que a teoria seja efetivada e a revolução aconteça, é preciso que se tenha uma base material e concreta. É nesse momento que Marx dá ênfase ao papel do proletariado como agente transformador e revolucionário da sociedade capitalista. O proletariado é a classe que se opõe a burguesia. Ele deve possuir um caráter universal e não pode reivindicar nenhum direito particular. A classe proletária deve alcançar todas as

<sup>1</sup> É possível que se pense a expressão falsas felicidades como ideologia, ou seja, como falsa consciência sistematizada.

esferas da sociedade, sendo a base material da filosofia da *práxis* e consequentemente, a classe responsável pela supressão do capitalismo.

Nesse sentido, “o autor partia do pressuposto de que desmascarando a forma de “alienação” sagrada (a religião), as outras formas de dominação presentes na sociedade capitalista também seriam desveladas” (LEÃO, 2015, p. 17):

A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é uma exigência que a felicidade real formula. Exigir que ele renuncie às ilusões acerca de sua situação é exigir que renuncie a uma situação que precisa de ilusões. A crítica da religião é pois, em germe, a crítica deste vale de lágrimas de que a religião é a auréola (MARX, 2005, p. 146).

Sendo assim, no conceito de religião proposto por Marx, também é possível encontrar elementos do materialismo histórico – dialético, além de elementos da crítica da filosofia especulativa e defesa de uma filosofia da *práxis*, bem como da defesa da classe proletária como agente do processo de emancipação humana:

(...) a interpretação realizada por Karl Marx sobre a religião é permeada pela sua concepção materialista da realidade que atribui um caráter negativo a esse fenômeno no contexto da sociedade (...) O comprometimento de Karl Marx era com a revolução do proletariado e com a luta contra a opressão sofrida pelos trabalhadores e todos os seus símbolos. (LEÃO, 2015, p. 18).

Portanto, para Marx, a religião deve ser compreendida como um fenômeno social, uma ideologia que reproduz um sentimento de felicidade ilusório e também uma consciência ilusória da

realidade, que acaba legitimando os valores da classe dominante, ou seja, “uma ferramenta para camuflar a realidade da luta de classes existente na sociedade capitalista e também como elemento relativizador da realidade injusta presente” (LEÃO, 2015, p. 18).

### **A Renovação Carismática e o GOU: a relação dos jovens universitários com a doutrina católica e a reprodução dos valores dominantes**

A Renovação Carismática Católica (RCC) chegou ao Brasil nos anos 60. As primeiras experiências carismáticas no país partiram dos Treinamentos de Lideranças Cristãs (TLCs) que possuíam como objetivo criar uma forte experiência de iniciação de vivência espiritual nos jovens:

Sua primeira raiz fincou-se na experiência dos cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), sendo que a segunda fincou-se nos Cursinhos de Cristandade. Junto com Pe. Haroldo, Pe. Edward John Dougherty (conhecido como Pe. Eduardo) deu à RCC o impulso necessário para seu crescimento. (...) No início, o movimento espalhou-se por meio de um sistema de difusão espontânea. Porém, hoje essa difusão espontânea não parece ser mais fundamental para a sobrevivência do movimento, pois existe um esquema promocional de marketing comandado por um sistema de comunicação bem organizado que difunde a RCC através de programas de rádio, TV, editoras, folhetos, jornais etc. (SOFIATI, 2011, p. 127).

A RCC, em seus primórdios, era um movimento de difusão de caráter autônomo que ocorria através de conversas em outros ambientes que não eram necessariamente a igreja (ambiente de trabalho, ambiente escolar,

ambiente de lazer etc.), o que fez com que o movimento ganhasse legitimidade e começasse a aparecer mais nos círculos da sociedade. A RCC era um movimento que contava com operários, universitários, lideranças jovens e membros do clero católico. Com o passar do tempo, essa difusão autônoma deixou de ser o principal meio de se conhecer e de se filiar / seguir os ensinamentos da RCC, dando lugar ao Catolicismo midiático, catolicismo esse que pode ser definido como um catolicismo que tem grande participação nos meios de comunicação de massa. Com isso, houve um grande crescimento e participação da Renovação Carismática na sociedade brasileira:

É sobretudo em razão de sua presença nos meios de comunicação de massa que a RCC marcou uma nova presença pública na sociedade brasileira. Estes meios de comunicação foram também os instrumentos privilegiados que ela encontrou para fazer frente ao progressivo processo de “destraditionalização” em curso na sociedade brasileira e apostar na reinstitucionalização católica (TEIXEIRA, 2009, p. 27 e 28).

A utilização dos meios de comunicação de massa foi uma das táticas que a Igreja Católica encontrou para enfrentar as mudanças ocasionadas pela modernidade, sobretudo os processos de laicização e secularização. Através das emissoras de TV, Rádio, Web sites etc., a RCC e a Igreja Católica conseguiram criar um novo modo de adesão e propagação da doutrina católica. Os canais de TV Canção Nova e Rede Vida são um bom exemplo desse processo de reinstitucionalização católica. Além disso, algumas figuras ganharam ou vem ganhando bastante importância nesse processo, como é o caso do Padre

Marcelo Rossi e do Padre Fábio de Melo. Esses padres aparecem regularmente na mídia e são autores de diversos livros e CDs.

A RCC se caracteriza por atitudes de praticar a fé que algumas vezes se distanciam dos paradigmas e ensinamentos tradicionalistas da Igreja Católica, o que não significa necessariamente um rompimento com a mesma. Nesse sentido, as principais características das reuniões de louvor dos movimentos da RCC são:

(...) rezar com os braços elevados para o alto, gesto que posteriormente ficaria como marca registrada das expressões religiosas dos carismáticos; a emotividade, efetividade e espontaneidade atuando como meios de comunicação com Deus; a referência constante de sensações como indicativas de experiências místicas e certeza da presença de Deus; a necessidade de milagres, como prova de existência divina e, finalmente, o batismo no Espírito Santo, manifestação pentecostal que confere especificidade ao Movimento dentro da Igreja Católica (CARRANZA, 2000, p. 24).

O que se pode perceber, é que ao mesmo tempo em que a RCC é um movimento da Igreja Católica, ela também possui suas próprias características de realização do louvor. É um movimento que possibilita uma reflexão pessoal e íntima com Deus sem a necessidade de um interlocutor ou mediador (Padre) que torne isso possível. Antes de se chamar Renovação Carismática Católica, o movimento era tradicionalmente conhecido como Pentecostalismo Católico:

Esse pentecostalismo católico que avançava pela geografia cristã

criava atritos dentro da própria Igreja Católica, a começar pela denominação. Sendo assim, aos poucos o termo *Pentecostalismo Católico* foi sendo substituído pelo de Renovação Carismática Católica. (...) essa expressão poderia dar azo a interpretações errôneas, pois designar os grupos católicos de oração com o nome de *pentecostalismo* representava um incômodo, já que pentecostal ou seita era a designação pejorativa dos evangélicos que não pertenciam às igrejas históricas (CARRANZA, 2000. p. 35, grifos dela).

Além disso, essa mudança também fez com que a RCC mudasse o seu discurso de abertura ecumênica e se afastasse do pentecostalismo protestante. Isso se torna bastante visível nas reuniões do GOU, pois apesar do clamor e do jeito do louvor praticado pelo grupo (música, canto, gestos com as mãos, fala em outras línguas etc.) nos fazer lembrar um louvor protestante, a coordenadora do Grupo de Oração Universitário da Paróquia São João Evangelista deixou bem claro em um dos trechos de sua entrevista que eles seguem rigorosamente o calendário da Igreja Católica e da RCC:

*O grupo está até mais reunido com a Renovação, ta caminhando mais unido né, então a gente tem feito muita coisa junto, a gente não tem feito nada paralelo, a gente tem feito de acordo com o calendário da renovação, a gente não tem chocado nem batido de frente nem nada, e eles tem apoiado o que a gente faz.* (Coordenadora do GOU da Paróquia São João evangelista, entrevista realizada em 2013, grifos meus).

A RCC é organizada através de grupos de oração e Seminários de Vida no Espírito, Cenáculos, rebanhões,

encontros e festivais (CARRANZA, 2000, p. 45):

A atividade central dos grupos de oração é, como o próprio nome diz, a oração, seja de louvor, de ação de graças, em línguas, contemplativa, de libertação e de cura. Nela inserem-se todo tipo de emoções e manifestações de experiências pessoais (depoimentos), leitura da Bíblia e cantos. Os encontros de oração acontecem normalmente num clima emotivo e festivo, durando aproximadamente de duas a três horas. Há também, quase sempre, oração em línguas (glossolalia), curas interiores e físicas (*idem*, p. 45).

Além dos grupos de oração, a RCC se organiza em torno de ministérios. Segundo dados de Sofiati (2011), os ministérios da RCC são: Arte, Comunicação Social, Criança, Cura e libertação, Família, Fé e Política, Formação, Intercessão, Pregação, Promoção Humana, Religiosas e consagradas, Sacerdotes; Seminaristas, Universidades Renovadas e Jovem. São 15 ministérios que possuem uma função e um grupo específico para ser evangelizado, o que não impede que esses ministérios organizem atividades em conjunto.

Como nossa análise é voltada para a questão da perspectiva de futuro do jovem e a formação de sua personalidade tomando como base a doutrina proposta pela RCC, nos aprofundaremos apenas no ministério Universidades Renovadas, que é o responsável pelos GOU's (Grupos de Oração Universitários) de todo o Brasil. O Ministério Universidades Renovadas tem a função e o objetivo de:

(...) evangelizar nas instituições de ensino superior. O objetivo do Universidades Renovadas é levar a experiência de pentecostes a cada

estudante professor e funcionário destas instituições para que a partir destas experiências se tornem um Profissional do Reino, que transformem a sociedade a partir da sua prática profissional cristã. O Ministério de Universidades Renovadas também trabalha com as pessoas que já são formados e que estão no mercado de trabalho (Portal da RCC, acesso em 25/02/2013).

O Ministério Universidades Renovadas tem como principal objetivo formar grupos de oração universitários nas universidades para preparar os jovens para o mercado de trabalho fazendo com que eles entendam o plano ou o caminho traçado por Deus para a sua vida. Um dos núcleos fundamentais do ministério Universidades Renovadas são os GOU. Os grupos de oração universitária são formados por jovens universitários e católicos que buscam na renovação carismática, compreender os objetivos e o caminho proposto por Deus em sua vida pessoal e, principalmente, profissional. O GOU teve início em 1994 na Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, através do estudante Fernando Galvani, que teve um sonho no qual via todas as universidades brasileiras tomadas pelo Espírito Santo. Em Goiânia, o GOU tem aproximadamente 12 anos de existência:

Esse grupo aqui parece que tem mais de 10 anos, tem 12 anos. Só que ele não começou aqui nessa paróquia, era um grupo que tinha como função reunir todos os GOUs de todas as faculdades, e na época os GOUs das faculdades eram bem mais cheios e bem mais fortes, então eles faziam um grupão acho que uma vez por mês, eu sei que reuniam todos esses universitários, e era na associação, aí passou um tempo e passou pra Catedral, passou para paróquia São Paulo Apóstolo, pra catedral, aí foi

migrando. Aí esse grupo, na hora que inaugurou essa paróquia aqui ele veio pra cá, acho que foi em 2007 a inauguração aqui, eles já estavam aqui (Coordenadora do GOU da Paróquia São João Evangelista, entrevista realizada em 2013).

No começo, como constam nas informações de nossa entrevistada, o intuito do grupo era reunir todos os GOU em um único local que, segundo ela, era a Associação Servos de Deus, que é a sede da RCC em Goiânia.

Além disso, em seus primórdios, os GOU eram bem mais fortes e mais movimentados, o que possibilitava com que se fizesse uma reunião por mês na sede da RCC de Goiânia, para que todos os membros se encontrassem e relatassem suas experiências dentro do movimento. Com as mudanças de coordenação e de local das reuniões, os grupos passaram a ficar com menor número de membros, tornaram-se fragmentados e transformaram-se em grupos de oração fixa, cada um com o seu local de reunião e horário específico. Para a nossa entrevistada, essa mudança ocorreu graças à questão da localidade, pois com os GOU em mais locais, não é necessário que a pessoa se desloque de determinado setor ou de determinada universidade para ir à associação.

Havia reuniões do GOU na PUC-GO, na UNIVERSO (Universidade Salgado de Oliveira), na Faculdade Padrão, e nos Campus I e II da Universidade Federal de Goiás. Hoje, o GOU da UNIVERSO deixou de se reunir e sobraram apenas os GOU da UFG Campus I e II, PUC e Faculdade Padrão. Nossa entrevistada ainda nos contou que ajudou a fundar o GOU do Campus II da UFG e, atualmente, além de coordenar o GOU da Paróquia São João Evangelista, ela

está fundando um GOU na Faculdade de Engenharia da UFG.

As reuniões do GOU geralmente são realizadas todas as terças e tem duração de 15 a 20 minutos, pois são realizadas durante o intervalo das aulas nas universidades. Durante as reuniões, os jovens cantam, se abraçam, praticam o louvor com os braços levantados para o alto e, em alguns casos, é possível se presenciar a fala em outras línguas e o recebimento de dons e carismas. Também há espaço para depoimentos onde os participantes relatam o quanto o grupo tem ajudado o jovem a pensar na sua vida como profissional e como cristão, além de auxiliar o jovem a perceber Deus e o Espírito Santo como seus guias e protetores durante a vida acadêmica que muitas vezes os separa dos pais, dos amigos, de sua casa e de sua cidade.<sup>2</sup>

O GOU da Paróquia São João Evangelista, que foi nosso objeto de estudo, se diferencia dos outros em alguns aspectos. O primeiro deles é na questão do dia dos encontros e do tempo da reunião. Esse grupo se reúne aos domingos às 19h30min em um dos salões da Paróquia São João Evangelista em Goiânia. Os encontros têm duração de aproximadamente duas horas e são marcados com bastante louvor, música, oração e momentos individuais de reflexão e contato com Deus e o Espírito santo. Existe ainda um momento de pregação onde um convidado faz leituras de trechos da bíblia e, em seguida, realiza um sermão de aproximadamente quarenta minutos. O interessante dessas pregações é que sempre se percebe uma ligação do sermão com as necessidades e aflições

dos jovens que ali se encontram. São sermões que tratam das dificuldades enfrentadas pelo jovem no seu ambiente de estudo e de trabalho; são pregações que falam para se apegar com Deus, Jesus e o Espírito Santo e que eles são a solução para todos os problemas e todas as aflições. Se você está com medo e se sentindo culpado, se você não se sente bem e está sendo hostilizado em seu ambiente de estudo e trabalho, se apegue a Jesus e deixe ele guiar o seu caminho. Tais palavras e frases foram constantemente repetidas e enfatizadas durante as reuniões que participamos, o que nos fez perceber um discurso de fé associada à razão, que inculca nos jovens o argumento de que os problemas mundanos só são resolvidos com a ajuda do divino.

Além disso, uma das respostas da coordenadora do GOU pesquisado chamou nossa atenção. Foi perguntado a ela: o que é o jovem do GOU? Como o grupo o ajuda a pensar a sua perspectiva de futuro? O GOU serve como um conforto e uma base de formação da personalidade cristã do jovem que o ajuda a formar as suas concepções e valores para a sua vida? A resposta obtida foi a seguinte:

Eu acho que é isso que você tá falando mesmo, a dimensão espiritual tem que ter né... uma estabilidade, a pessoa tem que se sentir segura nessa dimensão, não pode esquecer né, porque assim, você pode ter estabilidade financeira ou profissional, até emocional, mas se essa área não tiver bem fica faltando alguma coisa, e esses universitários que são católicos, cristãos, eles buscam isso, porque quando você tá na faculdade é como se fosse um ambiente totalmente diferente, Ah! Como se Deus não existisse, e a gente consegue levar, mostrar que Deus também tá ali, também tá

<sup>2</sup> Nos encontros, é bastante comum se deparar com jovens que deixaram suas cidades do interior e se mudaram para a capital para poderem estudar e trabalhar.

presente nessa... nessa realização da pessoa, independente se ela perguntou se pra Deus era isso ou não era isso, é na hora dela escolher esse curso e tal, mas, estando ali é o momento dela refletir, dela perguntar pra Deus... Têm jovens que começa a ir no grupo de oração e começa a repensar a vida, vê se é realmente aquele curso que ele quer... Depois do GOU tem o Grupo de Partilha de Profissionais, e aí seria, porque você perguntou de perspectiva pro futuro, de continuar aqui num outro foco já, né continuar a reflexão de Deus na nossa vida, sobre a nossa profissão já em outro aspecto, na vida profissional e a gente tem uma ligação, teoricamente a pessoa sairia do GOU pra um grupo de profissionais (Coordenadora do GOU da Paróquia São João Evangelista, entrevista realizada em 2013).

Através dessa resposta, podemos afirmar que GOU serve como uma entidade de base para que o jovem universitário que dele participa, possa trocar experiências e buscar conforto e segurança em um grupo que está em diálogo constante com “Deus” e o “Espírito Santo”. É um grupo que trabalha com um discurso em que muitas vezes se percebe – além da associação entre fé e razão – palavras que remetem ao sentimento de medo e de culpa, além de sustentar o argumento de que a mudança tem que partir de você, tendo como base os ensinamentos e os caminhos traçados por Deus. O GOU possui papel importante na formação dos valores e da perspectiva de futuro dos jovens, ensinando-os a ver o mundo de acordo com os ensinamentos cristãos, o que consequentemente os transformará em profissionais orientados a exercerem suas funções sem se esquecer da

espiritualidade e dos momentos de reflexão com Deus.

Essa entrevista, bem como as observações participantes nos encontros do Grupo de Oração Universitário, nos chamaram a atenção para a questão da reprodução dos valores capitalistas através de suas práticas religiosas e de encontro e conversa com uma entidade “divina”.

Todas as relações sociais desenvolvidas em um determinado modo de produção são orientadas segundo determinados valores e determinadas concepções. Em uma sociedade onde vigora o modo de produção capitalista e, consequentemente, uma sociedade onde existem antagonismos entre classes, os valores também são heterogêneos:

O ser humano é um ser social e por isso as relações sociais são fontes de valores. (...) em sociedades heterogêneas (de classes) existe heterogeneidade de valores. (...) cada classe social bem como outros grupos sociais, produzem valores diferentes e, em muitos casos, conflitantes. O conflito social é acompanhado pelo conflito de valores (VIANA, 2007, p. 24).

Tendo como base essa citação de Viana, podemos afirmar que a ideia de neutralidade é algo impossível de se provar porque todos nós somos orientados segundo determinados valores e concepções orientados por nossa condição de classe. Em sociedades classistas, os valores podem ser definidos como valores autênticos e valores inautênticos, sendo os valores autênticos universais e os valores inautênticos históricos, transitórios e particularistas (VIANA, 2007, p. 24). Isso quer dizer que os valores inautênticos são valores falsos que servem como base de legitimação para a ideologia da classe dominante e de suas

vontades para que os mecanismos de exploração da classe trabalhadora (no caso do modo de produção capitalista) continuem funcionando de maneira correta sem que ajam conflitos ou levantes revolucionários contra o sistema capitalista. Esses valores são históricos porque são construídos em uma determinada época; são transitórios porque mudam de acordo com as necessidades de reestruturação produtiva do modo de produção capitalista e são particularistas porque representam as vontades apenas da classe dominante e não possuem um caráter universal, verdadeiro e emancipatório com o objetivo de superar as contradições do capital, libertando os sujeitos de suas amarras e de suas contradições. Esse papel de libertação está associado à questão dos valores autênticos que por conta da dominação dos valores inautênticos se encontram acobertados e esquecidos no inconsciente da classe trabalhadora.

Partindo dessa discussão, nossa concepção de valores está associada à discussão apresentada por Viana que diferencia valores axiológicos de valores axionômicos. Os valores axiológicos podem ser definidos como: “(...)aqueles valores que correspondem aos interesses da classe dominante e, portanto, servem para regularizar as relações sociais. Eles “transformam em virtude”, aquilo que é para reprodução de uma determinada sociedade de classes, uma necessidade” (VIANA, 2007, p. 34). Os valores axiológicos são os valores da classe dominante e representam às necessidades, anseios e vontades dessa classe, que acabam sendo universalizados por conta de ideologias que legitimam os interesses dessa classe dominante através de instituições e representações sociais, artísticas e culturais.

Os valores axionômicos podem ser definidos como uma “forma assumida pelos valores autênticos, expressando, geralmente, os interesses das classes exploradas e/ou grupos sociais oprimidos (VIANA, op. cit., p. 35). Os valores axionômicos são os valores reais e universais que expressam as concepções dos grupos ou classes excluídas em uma determinada sociedade.

Nesse artigo, estamos defendendo a ideia de que os Grupos de Oração Universitários coordenados pela Renovação Carismática Católica reproduzem determinados valores da classe dominante que ajudam a manter a ordem capitalista vigente. Percebe-se que existe uma rigorosa organização pautada na liderança e na divisão das tarefas. Todas as ordens partem dos padres, líderes religiosos e coordenadores de grupos que são responsáveis por repassar as doutrinas, ensinamentos e tarefas aos demais participantes dos grupos de oração. Diante disso, podemos afirmar que tudo é planejado com o objetivo de fazer com que os jovens universitários participantes dos grupos de oração, sigam os ensinamentos de maneira cega e acrítica, afim de agradar uma “divindade” que não pode ser vista, sentida e que não está presente na materialidade. Tem-se então o valor axiológico da aceitação cega, da doutrinação e da falta de crítica dessa doutrina, no caso o catolicismo.

Outra prática que reproduz os valores capitalistas e que está presente no GOU e na Renovação Carismática Católica, é a questão da Universidade Renovada e a preparação do jovem para seu lugar e sua condição de explorado ou explorador na sociedade capitalista. Os jovens são orientados a aceitar que a sua condição na sociedade capitalista, bem

como seu trabalho, são frutos da vontade de “Deus”. Essa discussão nos faz lembrar as constatações de Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004), onde o autor diz que o protestantismo foi um dos principais atores na contribuição para o desenvolvimento do capitalismo e do processo de desencantamento do mundo, ou seja, desse processo de racionalização, burocratização e uso do cálculo e da matemática no lugar dos mitos e histórias que supostamente explicavam a realidade. O protestantismo foi o responsável pelo desenvolvimento de uma vocação para o trabalho na qual se desenvolve uma conduta racional fundada na ideia de profissão (WEBER, 2004, p. 164):

A ideia de que o trabalho profissional moderno traz em si o cunho da ascese também não é nova. Restringir-se a um trabalho especializado e com isso renunciar ao tipo fáustico do homem universalista é, no mundo de hoje, o pressuposto da atividade que vale a pena de modo geral, pois atualmente “ação” e “renúncia” se condicionam uma à outra inevitavelmente: esse motivo ascético básico do estilo de vida burguês – se é que é estilo e não falta de estilo – também Goethe, do alto de sua sabedoria de vida, nos quis ensinar com os *Wanderjahre* {Anos de peregrinação} e com o fim que deu à vida de Fausto (*idem*, p.164, grifos dele).

Nesse sentido, o trabalho é visto como uma vocação, ou seja, um dom dado por uma entidade superior que faz com que o indivíduo exerça aquela função sem reclamar de suas tarefas. O pensamento de Weber “fez com que surgisse uma ética profissional que preconizava o trabalho e o progresso como sinal que determinada pessoa seria “escolhida por Deus”, situação que entrou em afinidade

com o princípio de acumulação e investimento do capitalismo” (LEÃO, 2015, p. 22).

Tal prática ajuda a reproduzir a lógica do trabalho alienado, que deve ser compreendido como um trabalho que oblitera o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, pois é parte constante e fundamental do processo de desenvolvimento do antagonismo entre as classes sociais e a perpetuação das desigualdades. Ao trabalhador, nada mais resta do que a venda da sua força de trabalho, pois ele não se reconhece e nem se sente feliz com o produto e com o ambiente de seu trabalho. O trabalhador se torna cada vez mais pobre enquanto produz riquezas que ficam nas mãos da classe dominante. O trabalho na sociedade capitalista é sinônimo de poder e dominação. (MARX, 2003; ALMEIDA, 2014).

A ideologia da vocação para o trabalho acoberta esse processo de exploração e reprodução das desigualdades. Sendo assim, os indivíduos acabam por reproduzir a lógica do individualismo, da exploração e da reprodução da divisão social do trabalho, graças aos ensinamentos de uma suposta divindade que lhes concedeu um dom ou uma vocação que deve ser exercida para que ele possa alcançar sua graça e sua salvação.

### Conclusão

Nesse artigo, trouxemos um estudo sobre o papel dos Grupos de Oração Universitários em Goiânia e a sua utilidade na formação pessoal e no caráter dos jovens universitários que os frequentam. Para que isso fosse possível, foi realizada uma entrevista com a coordenadora de um dos maiores GOUs de Goiânia e, além disso, foram consultados diversos autores que

trabalham com a sociologia da religião e, mais especificamente, a Renovação Carismática Católica. Os resultados obtidos foram satisfatórios. Constatou-se a relevância dos GOUs no espaço universitário e na manutenção dos valores e da tradição católica através de práticas que muitas vezes se diferenciam do catolicismo ortodoxo, mas não o abandonam. Constatou-se também que os grupos de oração universitários são responsáveis por manter viva dentro dos ambientes universitários, a fé católica e a crença em “Deus” e no “Divino Espírito Santo”. Os GOUs são grupos compostos por uma diversidade de estudantes e de cursos de graduação e pós-graduação diferentes. Porém, eles são capazes de criar uma ideologia homogeneizante onde a figura do divino e do místico muitas vezes acaba tendo mais importância do que o plano da materialidade.

Os GOUs são grupos que demonstram diversas características e objetos que podem servir como base de estudo sociológico e antropológico. São grupos que têm extrema importância para a Igreja Católica, pois buscam resgatar os valores cristãos e formar a personalidade dos jovens em um ambiente que é marcado pelos discursos de laicidade e de crítica as manifestações do sagrado. Além disso, são reprodutores dos valores capitalistas, o que acaba contribuindo para a reprodução da desigualdade e da exploração. É preciso se questionar até que ponto a religião é realmente libertadora e possuidora da luz que nos

guia para um caminho melhor, seguro e correto.

### Referências

- ALMEIDA, F. M. O Conceito de Trabalho nos Clássicos da Sociologia. In: *Revista Espaço Livre*. V. 9, n.18, jul./dez. 2014, p. 20-33.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Editora Santuário, 2000.
- LEÃO, Rodrigo Augusto. Teoria Sociológica Clássica: o fenômeno religioso em Durkheim, Marx e Weber. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n.22, Maio/Agosto 2015, p. 9-23.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3-11.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: \_\_\_\_\_; MENEZES, Renata (Orgs.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p.17-30.
- VIANA, Nildo. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

### PORTAIS VISITADOS

RCC – Renovação Carismática Católica  
<[www.rccbrasil.org.br](http://www.rccbrasil.org.br)>

Recebido em 2015-11-24  
Publicado em 2016-10-06